



**Vanessa Campana Vergani de Oliveira  
(Organizadora)**

# A Evolução do Design Gráfico 2

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Vanessa Campana Vergani de Oliveira**  
**(Organizadora)**

# **A Evolução do Design Gráfico 2**

**Atena Editora**  
**2019**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E93	A evolução do design gráfico 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Campana Vergani de Oliveira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Evolução do Design Gráfico; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-572-3 DOI 10.22533/at.ed.723190309  1. Artes gráficas. 2. Desenho (Projetos). 3. Projeto gráfico (Tipografia). I. Oliveira, Vanessa Campana Vergani de.  CDD 741.6
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A segunda edição do Ebook “A Evolução do Design Gráfico”, assim como o primeiro volume pretende fortalecer o Design, colaborando para a maior aventura exploratória da humanidade que somente começou: o conhecimento do cérebro como fonte de riquezas inesgotáveis.

Nestes 25 volumes as experiências são das mais distintas, passando pelas mais diversas áreas do design: quadrinhos, embalagens, sustentabilidade, mobiliário litúrgico, mobiliário itinerante e artefatos.

Um dos temas amplamente discutidos, é o ensino do Design, das mais diferentes formas: as vantagens e desvantagens do EAD, as matrizes curriculares, o material didático como forma de empatia, design valorizando os materiais naturais e o redesign.

Assim, o foco desse livro é mostrar a importância e a amplitude da discussão sobre o papel do design. Os textos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico, são um convite à reflexão da importância do design no dia a dia, reúnem importantes pesquisas das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil,

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados.

Boa leitura!

Vanessa Campana Vergani de Oliveira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A IMPORTÂNCIA DA AMBIENTAÇÃO VINTAGE PARA A SUSTENTABILIDADE	
Kátia Maria de Lima Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7231903091	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A METODOLOGIA ATIVA COMO AUXILIAR NO ENSINO DE DESIGN A DISTÂNCIA	
Larissa Siqueira Camargo	
Sabrina Giselle Levinton	
DOI 10.22533/at.ed.7231903092	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A RETÓRICA DO DESIGN GRÁFICO EM APRESENTAÇÕES DIGITAIS DE POWERPOINT	
Guaracy Carlos da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.7231903093	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS DE PESQUISA DO USUÁRIO PARA A DEFINIÇÃO DE PERFIL DE ALUNOS DE DESIGN	
Tainá Cabral Benjamin	
Luna Victoria Pessoa da Silva	
Narle Silva Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7231903094	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Agnacilda Silva Rocha	
Carolina Marielli Barreto	
Milton Koji Nakata	
DOI 10.22533/at.ed.7231903095	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
AS NARRATIVAS DO DESIGN DE S. – O NAVIO DE TESEU	
Christiane C. Almeida	
Vera Lucia dos S. Nojima	
DOI 10.22533/at.ed.7231903096	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
CARRO-BIBLIOTECA: REDESIGN CENTRADO NO USUÁRIO DE BIBLIOTECA PÚBLICA ITINERANTE	
Andréa Franco Pereira	
Letícia Ribeiro de Martino	
Nathalia Carvalho de Lima	
Viviane Pereira Pinto Ferreira	
Gildete Santos Veloso	
DOI 10.22533/at.ed.7231903097	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>91</b>
COMBINANDO FRAMEWORKS NO DESENVOLVIMENTO DE ARTEFATOS DIGITAIS: UM ESTUDO DE VIABILIDADE	
Guto Kawakami de Oliveira Sylker Teles da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7231903098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>103</b>
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FELIPE: ESTUDOS EM PRODUCT-SERVICE SYSTEMS PARA INCENTIVAR A ECONOMIA LOCAL	
Nadja Maria Mourão Ivy Francielle Higino Martins Rosilene Conceição Maciel Ana Célia Carneiro Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7231903099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
CONSUMO DE PRODUTOS SUSTENTÁVEIS: PERCEPÇÕES DOS CONSUMIDORES SOBRE A EMBALAGEM NATURA EKOS DE BURITI	
Priscila Westphal Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>128</b>
DESIGN COMO AGENTE PROPULSOR DA RELAÇÃO ENTRE CINEMA E SUAS REPRESENTAÇÕES	
Nicolas Tessari Luiza Grazziotin Selau Carla Farias Souza Gislaine Sacchet	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>144</b>
DESIGN DE EXPERIÊNCIA AMBIENTAL HOSPITALAR – FOCO NO ATENDIMENTO À CRIANÇA	
Aline Garcia Pereira Laís Machado Lizandra Garcia Lupi Vergara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>159</b>
DESIGN E COMPLEXIDADE: APLICAÇÃO DE UM JOGO COLABORATIVO A FIM DE IDEAR SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS DA MINERAÇÃO	
Thalita Barbalho Ana Carolina Lacerda Letícia Guimarães Rita de Castro Engler	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030913</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>174</b>
DESIGN E SIMBOLOGIA NO PROJETO DE MOBILIÁRIO LITÚRGICO	
Marcelo dos Santos Forcato	
Anelise Guadagnin Dalberto	
Bruno Montanari Razza	
Paula da Cruz Landim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>192</b>
DESIGN EM TRANSFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO E DA PRÁTICA	
Rafael Kochhann	
Sílvia Trein Heimfarth Dapper	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>207</b>
EPISTEMOLOGIA DO DESIGN AFIRMATIVO	
Sandro Lopes dos Santos	
Vera Lúcia Moreira dos Santos Nojima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>218</b>
EXPERIÊNCIA MULTISSENSORIAL EM MUSEUS: DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS TÁTEIS E SONOROS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Eduardo Cardoso	
Tânia Luisa Koltermann da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>232</b>
FORMA E INFORMAÇÃO: UM OLHAR DE DESIGN SOBRE OS ARTEFATOS INFORMACIONAIS DO SISTEMA DE ÔNIBUS DA CIDADE DE SÃO PAULO	
Bruno Rodilha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>249</b>
LIVROS DIDÁTICOS E A IMPORTÂNCIA NO DISCURSO SOCIAL	
Gabriela Rangel Xavier	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>260</b>
MATERIAL DIDÁTICO SOCIOEMOCIONAL PARA O ENSINO DAS CINCO EMOÇÕES BÁSICAS E DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA	
Jéssica Souza De Almeida	
Maria do Carmo Gonçalves Curtis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030920</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>275</b>
MOBILE LEARNING – VILÃ OU ALIADA DOS ESTUDANTES? UM ESTUDOS DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS DE USABILIDADE DE INTERFACES EM DISPOSITIVOS MÓVEIS	
Karolina Nunes Tolentino Costa	
Flávio Anthero Nunes Vianna dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030921</b>	

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>287</b>
PEDRA SÃO THOMÉ: VALORIZAÇÃO REGIONAL POR MEIO DA REVITALIZAÇÃO DA PAISAGEM E DA IDENTIDADE CULTURAL	
<a href="#">Laura de Souza Cota Carvalho Silva Pinto</a> <a href="#">Andréa Franco Pereira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030922</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>306</b>
PESQUISA-AÇÃO COMO RESPOSTA METODOLÓGICA AOS DESAFIOS DE DESIGN SOCIAL	
<a href="#">Maiara Gizeli Dallazen Camillo</a> <a href="#">Irina Lopes Guedes</a> <a href="#">Felipe Petik Pasqualotto</a> <a href="#">Richard Perassi Luiz de Souza</a> <a href="#">Giselle Schmidt Alves Díaz Merino</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030923</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>318</b>
O PANORAMA DO DESIGN SUSTENTÁVEL NAS MATRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE DESIGN DA GRANDE VITÓRIA/ES E GRANDE BELO HORIZONTE/MG	
<a href="#">Michele Silva da Mata Caetano</a> <a href="#">Aline Freitas da Silva Xavier</a> <a href="#">Marcelina das Graças de Almeida</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030924</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>329</b>
QUADRINHOS COMO MÉTODO DE DIVULGAÇÃO DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ERC E F CENTRO SOCIAL AUXILIUM	
<a href="#">Marcele Pamplona Carneiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.72319030925</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>341</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>342</b>

## A IMPORTÂNCIA DA AMBIENTAÇÃO VINTAGE PARA A SUSTENTABILIDADE

**Kátia Maria de Lima Araújo**

Centro Universitário Boa Viagem - UniFBV

Recife - PE

**RESUMO:** Entre as atribuições do Designer de Interior está a busca por soluções estratégicas para a preservação do meio ambiente, como o incentivo ao reaproveitamento de materiais, especificando produtos que sobrevivam ao seu ciclo de vida. A Ambientação Vintage enquadra-se entre estes objetivos, uma vez que o prolongamento da vida útil do mobiliário, entre outras questões, reduz os resíduos provenientes da confecção de móveis novos, justificando a pesquisa. A mesma tem por objetivo verificar até que ponto, na visão do universo pesquisado, esse tipo de design de interior é importante para a sustentabilidade. Com abordagem quantitativa-qualitativa, e caracterizada como estudos de casos múltiplos, seus resultados apontam para o entendimento de que os respondentes não são leigos sobre o assunto, cabendo às instituições e profissionais da área propagarem essa possibilidade de ambientação, que se apresenta como uma das formas de colaborar com o desenvolvimento sustentável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ambientação. Design de interior. Sustentabilidade. Vintage.

### THE IMPORTANCE OF VINTAGE AMBIANCE FOR SUSTAINABILITY

**ABSTRACT:** Among the tasks of the Interior Designer's quest for strategic solutions for the preservation of the environment, such as encouraging the reuse of materials, specifying products that survive to your lifecycle. The Vintage Ambiance fits between these goals, since the extension of the useful life of furniture, among other things, reduces the wastes from production of new furniture, justifying this research. The same aims to verify the extent to which, in the view of the universe researched, this kind of interior design is important for sustainability. The result of quantitative and qualitative research, characterized as multiple case studies, points to the understanding that the respondents are not laymen on the subject, and the institutions and professionals in the field spreading this possibility of ambiance, that presents itself as one of the ways to contribute to sustainable development.

**KEYWORDS:** Ambiance. Interior design. Sustainability. Vintage.

### 1 | INTRODUÇÃO

Conseguir manter-se inserido na sociedade contemporânea, sem causar prejuízo

ao meio em que vivemos, é um desafio diário aos cidadãos, uma vez que toda ação gera consequências que podem ser positivas ou negativas ao meio ambiente.

Inserida em um contexto bastante amplo, a sustentabilidade é estruturada em três pilares: ambiental, social e econômico, ou seja, no ambientalmente correto, no socialmente justo e no economicamente viável. Na prática, o economicamente viável, estaria relacionado às atividades humanas que objetivam suprir as necessidades do ser humano sem agredir o meio ambiente (MMA, 2014).

Neste interim, a ambientação vintage, por aumentar a vida útil de um produto, vem colaborar com a sustentabilidade, pois o descarte de um móvel em um local inadequado transforma-se em entulho, visto que os materiais que o compõem podem não ser biodegradáveis.

Além de valorizar nosso passado, o não descarte de um móvel antigo também colabora para a redução de insumos, redução da utilização de fontes naturais e redução de custos operacionais, necessários para a confecção de móveis novos, reduzindo também os resíduos oriundos dessa confecção (BRASIL, 2005; PELTIER E SAPORTA, 2009)

Baseado em dados qualitativos e quantitativos, mas também em revisão bibliográfica estruturada no contexto da preservação do meio ambiente, este artigo tem por objetivo verificar até que ponto, na visão do universo pesquisado composto por professores, alunos e egressos de uma IES particular, a ambientação vintage é importante para a sustentabilidade.

É uma abordagem desafiadora, na medida em que vai de encontro a padrões de consumo e à atividade do designer de interior, cujas atribuições relacionam-se aos processos de criação e inovação.

Justifica-se, porém, devido ao fato de que o designer, como profissional responsável, também precisa encontrar soluções estratégicas para a preservação do eco sistema e do crescimento socioambiental.

## 2 | VINTAGE OU RETRÔ?

Ambientar é criar cenários. A partir da disposição de móveis e objetos, em harmonia com cores, texturas e iluminação, cria-se o cenário de jantar, o cenário de dormir, o cenário de trabalhar, o cenário de recrear. O móvel, parte integrante desse cenário, cumpre a função de ser útil, sendo também adorno, e em composição com seu entorno, representa os valores, as crenças e demais particularidades inerentes à identidade de quem o possui. Não que o móvel e seu entorno tenham significados por eles mesmos, mas sim, na projeção que as pessoas imprimem à composição. (NORMAN, 2005; MALTA, 2011; CIANCIARDINI, 2018).

Possuir objetos e mobiliário, organizá-los em forma de cenário faz parte de uma cultura de ambientação que se desenvolveu ao longo dos séculos. Sumariamente, pontuando a decoração de ambientes em sua trajetória histórica, vemos sua transição

de símbolo de poder e riqueza entre as civilizações antigas, passando por vários períodos históricos, quando apenas os mais abastados possuíam condições de ter ambientes decorados, percorrendo um longo caminho até meados do século XIX, quando a decoração de interiores deixou de ser privilégio de alguns e alcançou pessoas de classes sociais mais simples (OATES, 1991; MALTA, 2011).

Nesse íterim, a classificação da ambientação, por estilos, reflete ora a intenção de novo, ora a intenção de nostalgia.

E por nostalgia, não entendemos como sendo uma necessidade do velho ou do retrógrado, mas como uma recuperação ou valorização do passado, um sentimento agradável que nasce da interação entre homem e objeto, motivada pela história que lhes são peculiares. (PRESTES, 2013)

Os aspectos sentimentais, inclusive, gerados através da utilização de produtos antigos, têm sido estudados pela teoria do Design Emocional que investiga o prazer e as emoções em adquirir produtos, sentimentos estes, que vão além da satisfação ou insatisfação, como o de nostalgia, por exemplo (JORDAN, 1998; NORMAN, 2005; BEBIANO, 2006).

Atualmente, temos duas novas denominações para o retorno à nostalgia: o Vintage e o Retrô.

Em uma ambientação retrô, são utilizados móveis e objetos confeccionados na atualidade, porém, com design de estilos passados, ou seja, são réplicas ou releituras. Nos exemplos da figura 1, todos os produtos são inspirados em modelos do século XX, mais precisamente, nos anos 60, como a televisão LG, com pés palito e formato em tubo, porém com o sistema de controle remoto; a geladeira Brastemp frost free, com controle eletrônico externo; a cadeira Sonic Chair do Designer Holger Fritzlar, criada em 2007, remete à Delta Ball Chair do Designer Eero Aarnio, mas, com sistema de som e entrada para iPad ou computador portátil.



Figura 1: Exemplos de produtos retrô.

Fonte: própria.

Já em uma ambientação vintage são utilizados móveis e objetos antigos, organizados, ou não, em um contexto contemporâneo.

Na figura 2, vemos pequenos exemplos desse tipo de ambientação, onde são usados móveis antigos organizados em um novo contexto, compondo o ambiente com

peças contemporâneas. Nos dois ambientes, os móveis resistiram ao tempo e estão em condições de continuarem a ser usados.



Figura 2: Exemplos de ambientações vintage.

Fonte: própria.

Quer sejam adquiridos em leilões, por herança, ou em brechós, para ser considerada vintage, as peças devem ter sido confeccionadas nos séculos anteriores ao atual, originais, e que, por sua qualidade material, sobreviveram ao longo dos anos, estando aptas para continuarem a ser úteis (MONCADA E ALVIM, 2013 e 2017; CAMINHO DOS ANTIQUARIOS, 2018).

Utilizando símbolos de momentos históricos, a ambientação vintage cria cenários procurando valorizar a natureza sentimental do passado, remetendo a um período da nossa história, um lugar, recriado, não da mesma forma em que existiu nesse passado, mas a partir das aspirações e necessidades atuais. (ROHENKOHL, 2011; YAMANARI, 2013).

O mobiliário e utensílios de uma ambientação vintage podem agradar a clientes de várias classes sociais, tanto aos que desembolsam valores altos por móveis adquiridos em antiquários e leilões, quanto, aos que customizam móveis avariados adquiridos em demolições ou em brechós.

Em antiquários as peças são avaliadas a partir de critérios que vão além de um olhar curioso, como a qualidade do material, o estado de conservação e a procedência. A raridade do objeto é um outro critério que faz com que peças pequenas consigam, muitas vezes, atingir valores maiores do que peças grandes; o estilo também é um fator relevante e está atrelado ao período em que foi confeccionado, como o período Barroco, Art Nouveau, Art Decó, etc., cujas características devem estar de acordo com as técnicas e limitações da época. (MONCADA E ALVIM, 2013 e 2017; CAMINHO DOS ANTIQUARIOS, 2018).

O tempo também é levado em consideração: no Brasil e nos Estados Unidos só é considerada uma antiguidade peças com mais de 100 anos, enquanto na Europa é possível encontrar peças com mais de 400 anos, o que remete a qualidade do material, valoroso também por sua resistência. (CAMINHO DOS ANTIQUARIOS, 2018).

Todos esses critérios encarecem o mobiliário antigo, porém, vem surgindo outra maneira de projetarmos a ambientação vintage, de forma a torna-la acessível a uma maior quantidade de pessoas: a customização e restauração de mobiliário antigo adquiridos em demolições ou em brechós.

A customização proporciona uma possibilidade de intervenção para o designer de interior rejuvenescendo, agregando valor, readaptando ao uso diário uma peça que estaria condenada ao descarte. Resgata valores históricos, mas também econômicos, pois um móvel customizado custa, em média, 30% do valor de um móvel novo (SEBRAE, 2018).

Na figura 3, vemos essa variante da ambientação vintage. Neste caso, como o móvel está com o revestimento muito avariado, necessitando de reparos, está sendo proposto uma intervenção, que poderá ser feita com pintura, adesivação, revestimento com folheado, etc.



Figura 3: Móvel antigo e 04 propostas para novo revestimento.

Fonte: própria.

Sob o ponto de vista das emoções, tanto o retrô quanto o vintage promoveriam a interação entre os seres humanos, em maior ou menor grau, pois sua utilização estaria atrelada a valorização dos aspectos socioculturais, mas também ao apego do simbolismo das características formais antigas.

No entanto, entre o retrô e o vintage, temos na ambientação vintage atributos ecologicamente mais sustentáveis, visto que a utilização ou reutilização de objetos e mobiliário antigos aumenta sua vida útil reduzindo os insumos, os custos operacionais, e os resíduos obtidos da confecção de móveis novos, aspectos que veremos a seguir.

### 3 | O DESCARTE E A FORMAÇÃO DE RESÍDUOS

Reciclar é sustentável, mas nem tudo pode ser reciclado. No processo construtivo de móveis, suas indústrias deparam-se com o acúmulo de sobras de materiais, que por sua vez, trazem consequências negativas, como o desperdício de matérias-primas, os custos procedentes da coleta e tratamento do lixo; dificuldade

para encontrar áreas disponíveis para sua disposição final; e, quando depositado em locais inadequados, contaminam a área em que está alocado.

A quantidade de materiais existentes no mercado, voltados para ambientação, é bastante diversificada. De forma resumida, veremos a seguir, os resíduos gerados na confecção de móveis e objetos em madeira, vidro e metal, ou seja, três dos materiais mais encontrados em ambientação, como podem ser reaproveitados e o que não pode ser reciclado.

Com relação a madeira, quando se fala na sua utilização, geralmente, se associa a um ato ilegal. Entretanto, a manipulação da madeira pode ser sustentável, e para discutir esse item, vamos nos ater à confecção de móveis em madeira maciça certificada e madeira transformada (compensados, MDF, etc.), originários do bom manejo, de reflorestamento, e de demolição.

Os resíduos de madeira surgem desde seu processamento nas laminadoras, quando fabricam as peças, os painéis compensados e os reconstituídos. Nas indústrias de móveis, além das sobras oriundas da madeira, são produzidos resíduos provenientes de outros materiais como plástico, ferro, vidro, tecido, espuma, etc., a depender do tipo de móvel, que pode ser feito sob medida ou em série (CASAGRANDE JR., 2004).

As sobras de madeira maciça não são tóxicas, porém as procedentes de madeira transformada, como os compensados, por possuírem resinas fenólicas, e os painéis de média densidade - MDF, por terem em sua composição o formaldeído, precisam de maior atenção em seu descarte.

Sobre vidros, em design de interior, são utilizadas peças de vários tipos, formatos, e em composição com outros materiais.

O vidro não é um produto biodegradável, mas pode ser 100% reciclável, dependendo dos materiais que foram adicionados na sua composição básica, como os vidros do tipo cristal que recebem estanho líquido; os espelhos que recebem jateamento de nitrato de prata ou nitrato de cobre; e os serigrafados, que recebem esmalte cerâmico; esses componentes podem ocasionar menos resistência, bolhas ou alteração aos novos produtos, inibindo sua reciclagem (LIMA, 2006).

No Brasil, o índice de reciclagem do vidro está em 47%, oriundos da indústria de embalagens e 10% obtidas de bares, hotéis, residências, etc. Seu processo começa a partir da coleta seletiva e da entrega em Unidades de Recebimento de Pequenos Volumes – URPVs e Postos de Entrega Voluntária – PEVs, porém, alguns obstáculos dificultam o processo, como seu peso, que aumenta o custo do transporte, e o seu descarte em locais inadequados. (DIAS E CRUZ, 2009; PELTIER E SAPORTA, 2009).

E com relação ao metal, encontramos esse material em diversos produtos na decoração de ambientes. Maleável, permite várias intervenções, possibilitando sua aplicação em esquadrias, divisórias, corrimãos, móveis, cadeiras, objetos de arte, luminárias, etc. (LIMA, 2006).

O metal também é um produto 100% reciclável. Na confecção dos produtos de

metal, as empresas se preocupam em encontrar meios para que haja melhoria do aproveitamento do material, a partir da eficiência do corte, e na gestão de retalhos, que devem ser armazenados para posterior reaproveitamento, ou vendidos para os recicladores (PELTIER E SAPORTA, 2009; SANTOS ET.AL., 2015).

Com relação aos resíduos provenientes de materiais metálicos, os aços e os metais não ferrosos, por não oxidarem, teriam uma vida útil maior, justificando sua utilização em ambientações vintage.

A proposta desse tipo de ambientação, entretanto, é um desafio para o designer de interior, pois esbarra em vários entraves: no cliente, que dá o aval para a confecção do projeto de ambientação; nas tendências de mercado, que elegem o estilo da moda; e, de uma maneira geral, na falta de atitude dos que conhecem a teoria da sustentabilidade, mas não a colocam em prática.

As campanhas de conscientização, entretanto, têm obtido alguns resultados, como mostram os dados da pesquisa apresentados a seguir.

#### **4 | METODOLOGIA**

A pesquisa, de caráter empírico, teve por lócus uma IES particular situada na Região Metropolitana de Recife - PE, sendo os sujeitos compostos por professores, alunos e egressos da mesma, num total de 54 respondentes. Os dados foram coletados por meio de questionário auto administrado *surveymonkey* intitulado “Sustentabilidade em Design de Interior”, com questões abertas e fechadas, o que caracterizou uma abordagem do tipo multimétodos.

Na abordagem quantitativa foi utilizada a escala *Likert* de três e de quatro pontos, gerando informações que auxiliaram a compreensão de vários quesitos achados na abordagem qualitativa, Nesta, as respostas abertas do questionário foram contabilizadas por frequência e tratadas através da análise de conteúdo, sendo utilizado o tema para classificá-las, agrupá-las e analisá-las pela frequência em que surgiram, gerando dois grupos de categorias: um relacionado à sustentabilidade e outro à ambientação vintage.

#### **5 | RESULTADOS DA PESQUISA**

O perfil dos respondentes, exposto na tabela 1 a seguir, pode ser resumido da seguinte forma: público adulto, em sua maioria do sexo feminino, a maioria de nível superior.

CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES		f	fR (%)
Gênero	Feminino	38	70,37
	Masculino	15	27,78
	Outros	1	1,85
Faixa etária	Entre 18 e 25 anos	13	24,08
	Entre 26 e 35 anos	19	35,19
	Entre 36 e 45 anos	5	9,25
	Mais de 50 anos	17	31,48
Escolaridade	Segundo grau completo	25	46,29
	Terceiro grau completo	8	14,82
	Pós-graduados	21	38,89

Tabela 1: Caracterização dos 54 respondentes.

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa.

Quase todos os entrevistados responderam ter conhecimento das expressões referentes à conceitos e atitudes ecologicamente corretas, como nos mostra o gráfico a seguir:

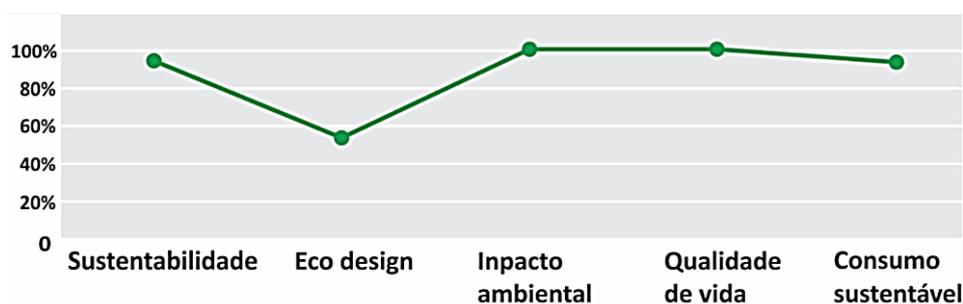


Gráfico 1: Expressões referentes à conceitos e atitudes ecologicamente corretas.

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa.

A expressão menos conhecida foi eco design, 48,39%. As demais variaram entre 91,43% e 100% de conhecimento.

Esse fator também foi registrado nas respostas às duas questões abertas: “**O que você entende por sustentabilidade?**” e “**Você já ouviu falar em ambientação Vintage? Você usaria em sua residência?**”, que foram analisadas e contabilizadas por frequência. O índice de surgimento das palavras, sua ordenação e o vocabulário dos respondentes foram indicadores da probabilidade de conhecimento sobre o assunto em pauta.

Os dois grupos de categorias, um relacionado à sustentabilidade e outro à ambientação vintage, são os seguintes:

### 5.1 Categorias Relacionadas à Sustentabilidade

As unidades de significação encontradas nas respostas à primeira pergunta, “**O que você entende por sustentabilidade?**”, apontaram para um público que tem conhecimento sobre várias questões relacionadas à sustentabilidade.

Das unidades de significação emergiram 05 categorias pertinentes à relação entre sustentabilidade e o respeito ao meio ambiente, a agressão à natureza face ao descompromisso e falta de condutas ecologicamente corretas, à necessidade de consumo sustentável, como mostra a tabela 2:

CATEGORIAS I	UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	f	fR (%)	Total
<b>Respeito ao meio ambiente</b>	Meio ambiente	18	18,58	39
	Recursos naturais	10	10,34	
	Materiais da natureza	6	6,18	
	Natureza	5	5,15	
<b>Agressão ao meio ambiente</b>	Impacto negativo	11	11,34	26
	Agredir/agressão	4	4,12	
	Prejudicar/prejuízo	5	5,15	
	Comprometer	3	3,09	
	Causar danos	3	3,09	
<b>Consumo sustentável</b>	Consumo/consumir	8	8,24	20
	Produção/produzir	7	7,21	
	Utilização de materiais da natureza	3	3,09	
	Extração de materiais da natureza	2	2,06	
<b>Sobrevivência no futuro</b>	Gerações futuras	6	6,18	10
	Futuro	4	4,12	
<b>Não sabe o que significa</b>		2	2,06	2
<b>TOTAL (de unidades de significação, e não de respondentes)</b>		97	100%	97

Tabela 2: Categorias para a resposta à “O que você entende por sustentabilidade?”.

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa.

Para ilustrá-la, seguem alguns depoimentos dos respondentes:

“Sustentabilidade é cuidar do nosso planeta, realizando ações e atitudes que possam torna-lo melhor, também pode ser definida como uma capacidade de o ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente cada vez mais” (R07).

Utilizar os materiais (principalmente os não renováveis) de um modo consciente para garantirmos que os mesmos ainda existam nas gerações futuras (R.29)

Todo universo criado a partir de técnicas pouco invasivas ao meio ambiente, que prejudiquem o mínimo seja por novos projetos ou reaproveitamento (R.36).

O resultado aponta para o efeito das campanhas de conscientização da população, sobre condutas sustentáveis, promovidas pelas organizações e instituições nacionais e internacionais; e também, por ser um público letrado, a maioria proveniente de cursos superiores, possivelmente, tratam ou já trataram sobre esse assunto em sala de aula.

## 5.2 Categorias Relacionadas à Ambientação Vintage

As unidades de significação encontradas nas respostas à segunda pergunta “**Você já ouviu falar em ambientação Vintage? Você usaria em sua residência?**”, indicam que a maioria dos respondentes se mostra favorável a esse estilo de ambientação, e que não é leiga sobre o assunto. Delas emergiram 04 categorias pertinentes à relação usuário e produto, como mostra a tabela 3:

CATEGORIAS II	f	fR (%)
<b>Conhecia e usaria, pois, se identifica com o estilo</b>	41	75,93
<b>Não conhecia e não usaria, pois, não se identificou com o estilo</b>	8	14,81
<b>Conhecia, mas não usaria, pois, não se identifica com o estilo</b>	3	5,56
<b>Não conhecia, mas usaria, pois, se identificou com o estilo</b>	2	3,70
TOTAL (de respondentes)	54	100%

Tabela 3: Categorias para a resposta à “Você já ouviu falar em ambientação Vintage? Você usaria em sua residência?”.

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa.

Entre os depoimentos destacam-se:

“Sim, utilizaria com certeza, faz meu estilo” (R.09).

“Conheço. Não, por não ser o estilo que mais gosto” (R.10).

“Nunca ouvi falar. Estou sempre aprendendo. Usaria sim. Com certeza”. (R.44).

“Sim, um estilo de ambientação que está em alta nos últimos anos. Não, por questões da falta de identificação com o estilo (R. 47)

“Já, usaria com toda certeza. São ótimas peças que ressaltam uma exclusividade e charme. (R. 50)

Percebe-se que a maioria dos respondentes, 75%, já conhecia a ambientação vintage e se identifica com ela; 14,81% não se identificou após a pesquisa; 5,56% não se identifica com o estilo; e 3,70% se identificou com o estilo após a pesquisa. Entre as unidades de significação que geraram as categorias acima apareceram: estilo, identificação, charme, elegância, exclusividade e adequação, concordando com a teoria do Design Emocional que fala sobre a empatia na interação entre homem e objeto, investigando o prazer em adquirir produtos, e que vai além da satisfação ou insatisfação.

Os respondentes, porém, associaram a ambientação vintage apenas a um estilo. Não citaram sua qualidade de sustentável, nem vislumbraram a possibilidade de, em se aproveitando um móvel antigo e aumentando sua vida útil, estariam colaborando para a redução de resíduos. Também não associaram esta ambientação a questão do consumo sustentável.

Entretanto, diferente da questão fechada, **“O que você acha do reaproveitamento de móveis para auxiliar na sustentabilidade?”**, na escala de 1 à 4, sendo 1 para nada importante e 4 para importantíssimo, 72% dos respondentes acham importantíssimo o reaproveitamento de móveis, ou seja, aumentar a vida útil do produto, 24% acham importante, e apenas 4% acham pouco importante, sendo zero para nada importante, o que denota falta de conhecimento das que realmente é ambientação vintage.

Também foi perguntado entre as questões fechadas, sobre duas outras condutas ecologicamente corretas: **“Quando você compra tinta para pintar sua casa, você verifica o índice de emissão de toxidade (COVs)?”**; e **“Quando você compra um móvel ou peça de madeira maciça, você verifica se é de madeira certificada?”**.

Sobre o índice de toxidade (COVs), na escala de 1 à 3, sendo 1 para nunca, 2 para às vezes e 3 para sempre, mais da metade dos respondentes, 56 %, nunca o verifica na hora da compra, 32% verifica às vezes e apenas 12% verifica sempre.

Sobre a verificação da certificação de produtos feitos em madeira maciça, na escala de 1 à 3, 42% nunca verifica, 28% às vezes e 30%, sempre verifica o certificado.

O resultado aponta, mais uma vez, para a questão das campanhas de conscientização da população sobre ações sustentáveis. Diferentemente do índice de toxidade (COVs), que pouco é abordado pela mídia, e pela questão de o desmatamento estar a mais tempo e constantemente sendo discutido, talvez a população consiga absorver e incorporar melhor essa necessidade, passando a adotá-la.

## 6 | CONCLUSÃO

Possuir objetos e mobiliário, organizá-los em forma de cenário faz parte de uma cultura de ambientação que se desenvolveu ao longo dos séculos. O móvel, parte integrante desse cenário, representa os valores, a posição social, as crenças e demais particularidades intrínsecas à identidade de seu usuário.

Os objetos também evocam memória. Sobre esse aspecto, o valor simbólico do mobiliário antigo e a sua qualidade material, são critérios da ambientação vintage que os utiliza em um contexto contemporâneo.

Esse tipo de ambientação se enquadra entre os objetivos do eco design, uma vez que o prolongamento da vida útil do mobiliário pode reduzir os resíduos provenientes da confecção de móveis novos. Também pode agradar a clientes de várias classes sociais, tanto aos que desembolsam valores altos adquirindo antiguidades em leilões, quanto aos que customizam móveis antigos avariados encontrados em demolições ou em brechós, investindo menos da metade do valor de um móvel novo, readaptando ao uso diário uma peça que estaria condenada ao descarte.

Analisando os dados qualitativos da pesquisa, mesmo que o público pesquisado não tenha citado a qualidade de sustentável ao vintage, identificando-o como sendo,

apenas, um estilo esteticamente agradável, os dados quantitativos mostraram outra possibilidade, na medida que a maioria dos respondentes acha importantíssimo o reaproveitamento de móveis para aumentar a vida útil do produto.

A questão da sustentabilidade exige da sociedade, como um todo, mudanças de atitude e de comportamento. As campanhas de conscientização visam ações ecologicamente corretas, e têm conseguido atingir seu objetivo no que tange ao entendimento de seu conceito, porém, não tem conseguido fazer a população agir de forma efetiva. Sabe-se muito, age-se pouco.

Esta pesquisa não se propõe ser conclusiva, inclusive, sugere-se que novas pesquisas, com grupos diferentes, sejam feitas. Teve como objetivo fazer uma associação entre as atividades do designer de interior e a sua contribuição para a sustentabilidade, verificando a importância da ambientação vintage para as questões ecológicas, chegando à conclusão que, de forma despreziosa, a mesma pode colaborar para o desenvolvimento sustentável.

## REFERÊNCIAS

BEBIANO, R. Nostalgia e imaginação: dois factores dinâmicos num mundo global. ENCONTRO DE FILOSOFIA, A FILOSOFIA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO, 20., 2006, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Reitoria da Universidade de Coimbra, 2006.

BRASIL. **Consumo sustentável**: Manual de educação. Brasília: Consumers International/ MMA/ MEC/IDEC, 2005. 160 p.

CAMINHO DOS ANTIQUARIOS. **Dicas de Antiguidades**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<http://caminhosdosantiquarios.blogspot.com.br/p/dicas-de-antiguidades.html>>. Acesso em: 19 de out. 2018.

CASAGRANDE JR., E. F., et al. Indústria moveleira e resíduos sólidos: considerações para o equilíbrio ambiental. **Revista Educação & Tecnologia**, v.8. Curitiba: CEFETPR, 2004. p. 209 – 228.

CIANCIARDINI, G. **Psicologia para decoração**. Revista *Mente e Cérebro*, n.204, jan. 2010. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/psicologia\\_para\\_decoracao.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/psicologia_para_decoracao.html)>. Acesso em: 19 de out. 2018.

DIAS, G. G., CRUZ, T. M. de S. **Plano de gerenciamento integrado de resíduos vítreos – PGIRV**. Belo Horizonte: FEAM/FIP, 2009.

JORDAN, Patrick W. Human factors for pleasure in product use. **Applied Ergonomics**. Vol. 29, No. 1, pg. 25-33, 1998.

LIMA, M. A. M. **Introdução aos materiais e processos para designers**. Rio de Janeiro: Moderna, 2006.

MALTA, M. **O olhar decorativo**: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2011.

MMA - Ministério do Meio Ambiente. **Produção e consumo sustentáveis**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel>>. Acesso em: 19 de out. 2018.

MONCADA, M.; ALVIM, P. **Antiguidades e Obras de Arte**. Lisboa: SCRIBE, 2013.

\_\_\_\_\_. **Antiguidades e Obras de Arte**. Lisboa: SCRIBE, 2017.

NORMAN, Donald A. **Emotional Design: Why We Love (or Hate) Everyday Things**. New York: Basic Books, 2005.

OATES, P. B. **História do mobiliário ocidental**. Lisboa: Presença, 1991.

PELTIER, F., SAPORTA, H. **Design sustentável: caminhos virtuosos**. São Paulo: SENAC, 2009.

PRESTES, A. P., et.al. A Influência da Nostalgia no Consumo Simbólico e Material de Bens. CONGRESSO INTERNACIONAL EM COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 3., 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: COMUNICON, 2013.

ROHENKOHL, R. A. S. Design retrô: um desafio da contemporaneidade em reconhecimento ao passado. **Unoesc & Ciência** – ACSA, Joaçaba, v. 2, n. 2, 2011. p. 147-153.

SANTOS, L. A. dos, et. al. (Re) aproveitamento de sucata no ramo metal-mecânico frente à sustentabilidade ambiental. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental Santa Maria**, v. 19, n. 2, mai-ago., 2015. p. 830–847.

SEBRAE. **Restauração de móveis**. Portal SEBRAE, 2018. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-servico-de-restauracao-de-moveis,fd587a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 19 de out. 2018.

YAMANARI, T. T. O “Vintage” e o “Retrô” como estratégias visuais. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 1., 2013, Londrina. **Anais...** Londrina: ENEIMAGEM, 2013.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**VANESSA CAMPANA VERGANI DE OLIVEIRA** Bacharel Desenho Industrial, habilitação em Projeto de Produto, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo- SP. Especialista em Design de Interiores, pela Universidade Positivo. Das diferentes atividades desenvolvidas destaca-se a atuação como professora de ensino superior atuando em várias áreas de graduações; avaliadora de artigos e projetos; revisora de revistas científicas; membro de bancas examinadoras de trabalhos de conclusão de cursos de graduação. Atua na área de Design de Mobiliário, Arquitetura com ênfase em projetos de Interiores residenciais e comerciais. Foi Diretora do Departamento de Patrimônio, da Secretaria de Cultura e Turismo, da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, PR de 2011 a 2013. Atualmente é docente da Unicesumar, nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia de Produção e sócia do escritório Forma Arquitetura e Design.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 228

Ambientação 1, 10

### C

Cinema 128, 129, 138, 140, 142, 143

Consumo sustentável 9, 12

Cultura 22, 33, 34, 73, 127, 172, 218, 219, 227, 228, 247, 249, 251, 301, 317, 322, 323, 337, 339

### D

Design de interior 1

Design thinking 266

Diretrizes 17, 36, 37, 46, 226

### E

Emoções 268, 269

Empatia 43, 44, 107, 263, 272

Experiência do usuário 145, 147

### H

História do design 191

### I

Informação 23, 24, 25, 28, 33, 34, 82, 92, 97, 142, 161, 215, 284

Inovação social 191

### L

Lendas brasileiras 327

### M

Metodologia 19, 73, 90, 94, 155, 156, 165, 195, 228, 256, 266, 304, 314, 315, 318, 338

Mineração 302

Museu 216, 218, 221, 222, 223

## **P**

Powerpoint 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34

## **R**

Racismo 208, 214, 215

Retórica 23, 24, 26, 31, 33

## **S**

Scrum 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Significados simbólicos 85

Streaming 128, 129

Sustentabilidade 1, 7, 8, 9, 122, 196, 303, 318, 321, 322, 325

## **U**

Usuário 73, 144

## **V**

Vintage 1, 3, 8, 10, 13

## **W**

Web-design 128, 129

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-572-3

